

O USO DA TECNOLOGIA E SUAS IMPLICAÇÕES NAS PERSPECTIVAS DE MARY SCHELLEY E HANS JONAS.

Elson Oliveira Souza

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

Mestre em Educação

Curitiba - Paraná – Brasil

e-mail: elsonhistoria@yahoo.com.br

Resumo

O primeiro objetivo do artigo é demonstrar quais reflexões filosóficas Mary Shelley apresenta sobre a ciência e seus avanços contidos no livro Frankenstein. A obra escrita no ano de 1818 propõe uma ponderação sobre os avanços tecnológicos da ciência e da ação humana possuindo o domínio da técnica científica. O objetivo da nossa reflexão se dá sob o prisma da ética da responsabilidade de Hans Jonas. O segundo objetivo que nos propomos é analisar o uso desenfreado da tecnologia, por meio da interpretação da obra do filósofo Hans Jonas no livro Princípio Responsabilidade. O terceiro objetivo desta análise bibliográfica foi compreender a relevância da contribuição do filósofo, a fim de refletir sobre os avanços da Técnica Moderna da Civilização Tecnológica. A partir dos pontos centrais do pensamento dos autores Mary Shelley e Hans Jonas, estabelecemos como quarto objetivo do trabalho mostrar que o livro O Princípio Responsabilidade aponta para um agir coletivo como um bem público. A proposta de Jonas é provocar na sociedade um diálogo reflexivo e crítico sobre os avanços da tecnologia. Após a leitura dessas obras pode-se afirmar que Frankenstein possui uma mensagem perene que alcança nossos dias e serve de alerta para o uso desenfreado da tecnologia. Já o livro de Jonas mostra o caminho seguro para a utilização dos avanços tecnológicos.

Palavras-chave: Hans Jonas, Técnica, Responsabilidade, Bioética.

1.Introdução

O texto primeiro narra a obsessão pelo conhecimento do doutor Victor Frankenstein e seu desejo de conceber um feito para a ciência. A obra Frankenstein mostra um cientista que deseja criar vida, ou seja, adquirir um poder semelhante ao poder de Deus.

Depois o texto apresenta o despertar do cientista que passa a entender o seu feito e suas consequências, o que desperta no jovem cientista a consciência para as consequências maléficas do poder tecnológico e de suas faces uma boa e outra nem tanto.

No terceiro momento apresentamos a reflexão ética sob o enfoque ético desenvolvido pelo filósofo Hans Jonas, que procura despertar em todos a necessidade de sempre estarmos de prontidão, ou seja, de estarmos vigilantes quanto às questões éticas adiante da tecnologia e o seu uso consciente. O texto nos convida a uma reflexão constante e a realizar ações sedimentadas na responsabilidade.

Mary Shelley envia para a sociedade do século XXI uma lição sobre a nossa responsabilidade diante do avanço da tecnociência. O livro Frankenstein apresenta um rapaz inteligente que recebeu desde criança uma educação muito esmerada.

Victor Frankenstein tinha grande paixão pelas ciências naturais e procura pesquisar tudo sobre o tema. Já adulto, ele decidiu criar algo que fosse memorável para a humanidade, realizar um feito para a ciência, ‘criar vida’, construir um ser humano.

A comunidade científica da época considerava isso impossível, mas Victor Frankenstein não, pois ele tinha uma enorme ânsia de conhecimento e muita vontade de realizar um feito científico.

O cientista passou a realizar experimentos em cemitérios e a recolher órgãos para concretizar sua façanha. Determinado a realizar seu projeto, Victor afastou-se completamente de sua vida social, da família e amigos, e procurou refúgio em uma propriedade familiar afastada da cidade, próxima a um pequeno vilarejo.

Depois de cerca de dois anos de um trabalho árduo, Victor Frankenstein finalmente conclui sua criatura e, logo após ela acordar, ele se assusta com o que criou.

O ser por ele criado era tão horrível que o único impulso do criador foi fugir de sua criatura o mais rápido possível. Um tempo depois desse episódio, a criatura começa a procurar e atormentar seu criador realizando aparições esporádicas em sua casa.

Um dia ‘a criatura’ desaparece e passa a viver na floresta, onde não tinha dificuldades para encontrar comida e não precisava se esconder das pessoas o tempo todo. Lá, encontrou uma residência próxima de um celeiro.

Do celeiro a criatura passou a observar a família que morava na casa, com quem aprendeu a falar, ler e expressar sentimentos, passando a demonstrar traços de uma pessoa íntegra.

A criatura era um monstro fisicamente, mas um ser dócil e gentil. Com o passar do tempo, decide se aproximar da família e dizer que a amava e que queria ter uma família para chamar de sua. A criatura se aproxima do senhor, o velho, que se assusta, mas, por ser cego, não consegue vê-lo.

Contudo, quando os dois chegam à casa do senhor, seus filhos veem ‘o filho de Frankenstein’, se assustam e atacam o ‘monstro’. Nesse momento a criatura percebe a rejeição das pessoas e o quanto sua aparência é assustadora e, sentindo-se rejeitado, percebe que até mesmo seu criador fugiu dele.

No retorno ao celeiro, a criatura encontra uma pasta com alguns livros, e objetos que ela mesmo trouxe quando fugiu do laboratório do seu criador, além de também encontrar roupas no local, entre os objetos estava o diário de Victor, onde descobre sua origem, e conhece melhor seu criador e passa a odiá-lo.

Desse modo, a criatura de Victor Frankenstein decide se vingar do seu criador, matando seus familiares queridos, pois ela desejava que Victor sentisse a mesma dor que ela sentia por não ter uma família.

A criatura de Victor Frankenstein decide se vingar do seu criador, matando seus familiares queridos. A criatura desejava que seu criador sentisse a mesma dor que ele sente por não ter uma família.

A primeira vítima foi o irmão mais novo de Victor: William. O doutor Frankenstein recebe uma carta de seu pai informando sobre a morte do irmão e volta à sua terra natal, Genebra, para velar o corpo do ente falecido. Desolado, Victor decide passear pela região e, caminhando pelas montanhas reencontra a sua criação. O doutor logo percebe que a criatura estava muito diferente, expressava-se, demonstrava sentimentos, em especial rancor e solidão.

A criatura diz a Victor que pretende sair da sua vida e deixar a proximidade da vida em sociedade, mas com uma única condição, deseja uma companhia e solicita que Victor construa uma companheira para ela. Relutante Victor Frankenstein acaba por aceitar a condição.

Retornando à residência de sua família, Victor Frankenstein encontra Elizabeth, uma amiga de infância da qual sempre gostou e a pede em casamento. Depois disso, decidido a cumprir sua palavra com a criatura, o doutor, juntamente com seu funcionário e amigo Clerval retorna a Londres e de lá dirige-se ao seu laboratório, em uma ilha, onde começa a cumprir sua promessa: inicia a construção da fêmea para sua primeira criatura.

Logo após iniciar os experimentos, o doutor desiste, temendo dar origem a uma geração de monstros. Quando a criatura descobre o descumprimento do acordo por parte de Victor Frankenstein, fica extremamente raivosa e por vingança mata Clerval.

O cientista Victor é incriminado pela morte de Clerval, mas logo prova a sua inocência e parte para ficar junto de sua família, que está em Genebra.

Como Victor havia deixado a criatura nessa cidade, ele não percebe que foi ela quem matou Clerval. Chegando a Genebra, o doutor se casa com Elizabeth, e logo começa a temer pela vida da amada.

Logo depois do casamento o casal parte para a lua de mel. Durante a noite de núpcias, Victor deixa Elizabeth sozinha para dar uma olhada no local e, nesse instante, a criatura ataca Elizabeth e a estrangula. Desesperado, o doutor Frankenstein retorna para casa e conta a seu pai todos os acontecimentos, inclusive de sua criação. Seu pai fica tão chocado que adoece e morre.

Victor Frankenstein sem ter mais nenhum parente, decide caçar a sua criatura. Suas buscas o levam ao polo norte, onde fica dias e sem suprimentos mas não desiste de encontrar e matar sua criação.

Depois de um tempo é encontrado flutuando em uma placa de gelo já quase sem forças é encontrado por um navio que o resgata. Mesmo sem quase ter forças, alguns dias depois de muito repouso no navio, alternando estados de delírio, melancolia, doçura e profundo conhecimento da vida, o desconhecido começa a falar e conta toda a sua história ao capitão e pouco tempo depois morre.

O capitão sai e logo retorna para junto do corpo de Victor Frankenstein. Ali ele se surpreende, pois encontra a criatura junto ao corpo do criador, na cabine do navio chorando. A criatura decide continuar sua jornada no polo norte e não voltar mais a conviver com seres humanos.

A história de Victor Frankenstein foi relatada pelo comandante do navio, Robert Walton que escreveu para sua irmã Margaret, diversas cartas detalhando suas viagens e explorações ao Polo Norte.

Robert Walton relata que ele e seus comandados antes de encontrarem Victor, estavam presos no seu navio que havia ficado cercado de gelo, impossibilitando a continuação da viagem. Depois de deixar o corpo de seu criador na cabine a criatura foi vista pelos marinheiros, em um trenó, rumando para o norte.

Entender a obra de Mary Shelley é fundamental para compreendermos a questão ética que esse livro nos proporciona sobre a técnica desenvolvida pelo homem.

Frankenstein é sem dúvidas o mais famoso trabalho da escritora Mary Shelley. A obra é um romance que trata de questões científicas e, no período em que foi escrito (1818), os escritores em geral, e especialmente os autores de obras de ficção, procuravam utilizar-se dos avanços da Medicina para aguçar ainda mais a imaginação dos leitores.

As novas técnicas dos cirurgiões representavam o ápice dos avanços científicos no presente e no futuro da Medicina.

Na época da publicação do livro a imaginação dos escritores de ficção dependia muito da observação dos avanços das técnicas médicas para impulsionar suas próprias imaginações. Imaginar transplantes de membros era uma coqueluche.

Filha de duas autoridades literárias e esposa de Lord Byron, Mary Shelley recebeu educação primorosa, estudou tanto Literatura como Filosofia e, entre seus temas prediletos, estava o ‘princípio da vida’. O livro Frankenstein foi elaborado ou pelo menos era o desejo da autora ao escrevê-lo contar uma história de terror.

Este trabalho preocupa-se em entender o porquê dessa obra ser tão atual desde o seu lançamento em 1818. O livro foi levado ao cinema no início do século passado e constantemente houve novas versões de Frankenstein nas telas.

2.Ciência

Frankenstein, em maio de 2014, continua sendo atual. Então fica o questionamento: por quê, por que ? O fio condutor do livro é a criação de vida ‘de uma nova vida’, uma vez que Victor Frankenstein procura criar vida a partir do caos, utilizando partes distintas de pessoas diferentes.

A ideia do doutor Frankenstein de criar a vida, se assim o conseguisse, se assimilaria a Deus. Talvez o motor, a faísca que mantém viva a chama de interesse dos leitores na obra de Mary Shelley seja a forte presença da ciência médica.

Outra característica que o livro procura valorizar é a busca contínua e incessante do doutor Victor Frankenstein pelo conhecimento. Com a conclusão e o êxito de suas intenções, a criação da vida, a criatura passa a ser a ‘figura central’ da obra.

O livro apresenta uma pessoa sedenta de conhecimento que se esquece de sua condição humana. Esse homem se depara com o poder, ou seja, o conhecimento e faz uso incorreto dele.

Depois de criar a vida e se aproximar do poder de Deus, o homem enxerga o horror de sua criação e reconhece sua condição humana. O seu arrependimento vem quando ele perde todos a quem ama e ainda vê o quanto fez mal à própria criatura que se sente só e deseja uma companheira.

A obsessão de Victor Frankenstein pelo conhecimento o transformou em uma pessoa antissocial. A sanha era tanta por conhecer e conhecer sempre mais, que tudo era justificável

pelo conhecimento: roubar cadáveres e desmembrados: não respeitar a religião alheia com tais profanações de túmulos: quando estudante, ignorar as regras da universidade, utilizar técnicas para criar a criatura que violavam muitas regras da Medicina e da Ética.

Na realidade Mary Shelley deixa claro que a busca incessante pelo conhecimento tornou o doutor Frankenstein cego. Ele adquiriu conhecimentos que outros cientistas não tinham, mas era cego, pois perdeu os seus limites, seu caráter, etc.

Frankenstein em seus últimos momentos diz:

[...] Num acesso de desmedido entusiasmo, criei uma criatura racional, e cabia-me dentro do limite dos meus poderes, assegurar-lhe a felicidade e o bem-estar [...] Recusei-me até criar-lhe uma companheira [...]. Ele demonstrou perversidade e egoísmo sem par. Destruí meus amigos. Devotou-me ao extermínio de seres que possuíam sensibilidade, felicidade e saber. E não sei até onde a sua sanha vingativa poderá levá-lo. Por isso, devia morrer. Cabia em mim a tarefa de pôr-lhe fim a existência, mas fracasei [...]. Perturba-me o fato de que a sobrevivência do monstro signifique a continuidade do mal [...] Adeus, Walton! Busque a felicidade num viver tranquilo e evite ser dominado pela ambição, mesmo que seja essa – aparentemente construtiva – de distinguir-se no campo da ciência e dos descobrimentos. Mas pó que falo isso? Na verdade, se eu me arruinei nessas esperanças, pode ser que outro seja bem sucedido [...]. (SHELLEY, 2001, p.202).

3. Consciência

O caso do doutor Victor revela uma das faces do uso da tecnologia sem preocupar-se com as consequências de seu ato, já que sentiu horror; e acabou sendo vítima de sua criação. Victor libertou-se de sua condição humana, realizou algo soberbo, mas depois percebeu que foi imprudente, que a sua criação poderia fazer o bem ou mal, e isso não estava sob seu controle. Não reconhecendo as normas morais da sociedade, Victor expandiu sua egocentricidade ao mundo.

Quando doutor Victor desiste de construir a segunda criatura, ele demonstra recobrar sentimentos morais. No instante em que desiste ele pesa os prós e contras de duas criaturas, lembra-se da angústia da primeira e percebe que pode repetir o mesmo erro.

O filósofo Hans Jonas, em sua obra “O Princípio Responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica”, nos mostra que o uso indiscriminado da tecnologia cria problemas tanto no presente, como para o futuro. Para Hans Jonas, o problema se origina no conceito restrito de responsabilidade da moral moderna.

Jonas afirma que:

A marca distintiva do ser humano, de ser o único capaz de ter responsabilidade, significa igualmente que ele deve tê-la pelos seus semelhantes, eles próprios, potenciais sujeitos de responsabilidade, e que realmente ele sempre a tem, de um jeito ou de outro: a faculdade para tal é a condição suficiente para a sua efetividade. Ser responsável efetivamente por alguém ou por qualquer coisa em certas circunstâncias (mesmo que não assuma e nem reconheça tal responsabilidade) é tão inseparável da existência do homem quanto o fato de que ele seja genericamente capaz de responsabilidade da mesma maneira que lhe é inalienável a sua natureza falante, característica fundamental para a sua definição, caso deseje empreender essa duvidosa tarefa (JONAS, 2006, p. 175-176).

Jonas aponta que as ações do indivíduo no presente refletem no futuro e que a moral moderna não se preocupa com isso ou com os efeitos desses atos na natureza. O filósofo assinala as consequências da ação do homem no meio ambiente e não apenas da ação do homem para com o homem.

4. Conclusão

A proposta inovadora de Hans Jonas aponta para o fato de que somos responsáveis pelas ações do presente que possam interferir nas gerações futuras, já que elas têm igual direito à vida. Para Jonas, somos corresponsáveis por tomar decisões coletivas sobre temas que interferem na vida da sociedade. Sendo assim, necessitamos tomar cuidado com os avanços tecnológicos e suas consequências e precisamos ser éticos em todas as nossas ações, principalmente com os avanços tecnológicos.

Referências:

AGOSTINI, Nilo. Bioética: delimitações protetoras da vida. In: *Communio*. nº 87, 2003. Rio de Janeiro, p.137-158.

ALTMANN, Walter; BOBSIN, Oneide; ZWETSCH, Roberto. Perspectivas da teologia da libertação: impasses e novos rumos num contexto de globalização. In: *Estudos teológicos*. São Leopoldo, 37 (2), 1997, p. 129-138.

ÁLVARES, Luís José Gonzáles. Fundamentos filosóficos da teologia moral na América Latina. In: FABRIS DOS ANJOS, Márcio (org). Temas latinoamericanos de ética. Aparecida: Santuário, 1998, p. 157-174.

BUCHANAN, Allen; BROCK, Dan W; DANIELS, Norman; WILKER Daniel. From chance to choice: genetics and justice. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CONCÍLIO VATICANO II. A Igreja no mundo de hoje : constituição pastoral Gaudium et Spes. Petrópolis: Vozes, 1974.

CORREIA, Francisco. A alteridade como critério fundamental e englobante da bioética. In: PESSINI, Leocir; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. Fundamentos da bioética. São Paulo: Paulus, 1996, p. 30-50.

DIAFÉRIA, Adriana. Código de ética de manipulação genética: alcance e interface com regulamentações correlatas. In: Revista Parcerias Estratégicas. Ética das manipulações genéticas: proposta para um código de conduta. Número 16 – Outubro de 2002. Brasília, p. 101-114.

DOMINGUEZ, Jorge. Bem-aventuranças e ética da libertação. In: FABRIS DOS ANJOS, Márcio (org.). Temas latino-americanos de ética. Aparecida: Santuário, 1998, p. 175-194.

DULBECCO, Renato. Os Genes e o Nosso Futuro. O desafio do projeto genoma. São Paulo: Editora Best Seller, 1997.

DURAND, Guy. A bioética: natureza, princípios, objetivos. São Paulo: Paulus, 1995.

DYCK, Arthur J. Eugenics in historical and ethical perspective. In: KILNER, John F.; PENTZ, Rebecca D.; YOUNG, Frank E. (eds). Genetic ethics: do the ends justify the genes? Grand Rapids / Cambridge: Wm. B. Eerdmans P. Co. / Paternoster Press, 1997.

FABRI DOS ANJOS, Márcio. Bioética em perspectiva de Libertação. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leocir. Bioética: Poder e Injustiça. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo; Sociedade Brasileira de Bioética, 2003, p. 455-464.

GARRAFA, Volnei; PORTO, Dora. Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção. In: GARRAFA, Volnei; PESSINI, Leocir. Bioética: Poder e Injustiça. São Paulo: Edições Loyola; Centro Universitário São Camilo; Sociedade Brasileira de Bioética, 2003, p. 35- 44.

INTERNATIONAL HUMAN GENOME SEQUENCING CONSORTIUM. Initial Sequencing and Analysis of the Genome. In: Nature. V.409, p. 860, 15 Feb, 2001.

BERNSTEIN, R.J. Rethinking Responsibility. Hastings Center Report, v. 25, n. 7, p. 13-20, 1995 Special Issue.

Shelley, M. Frankenstein. Rio de Janeiro: Ediouro. 2001.

Shelley, M. Frankenstein ou o Moderno Prometeu. São Paulo: Martin Claret. 2001.

Morin, E. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2002.

MOSER, Antonio; LEERS, Bernardino. Teologia Moral: Impasses e Alternativas. Coleção Teologia e Libertação. Petrópolis: Vozes, 1987.

Jonas, H. O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Rio de Janeiro: Contraponto. 2006.

JONAS, H. Memórias. Madrid: Losada. 2005.

Hans Jonas (1903-1993) e o Princípio Responsabilidade (1979). In.: PELIZZOLO, M. L. **Correntes da ética ambiental**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 191 p.

_____. El principio del resposabilidad: ensayo de una ética para la civilizacion tecnologica. Barcelona: Herder. 1995.

_____. Técnica, medicina y ética. Barcelona: Paidós. 1997.

JUENGST, Eric T. Concepts of disease after the human genome project. In: WEAR, Stephen; BONO James J.; LOGUE, Gerald; McEVOY, Adriane (eds). ETHICAL ISSUES IN HEALTH CARE ON THE FRONTIERS OF THE TWENTY-FIRST CENTURY. Dordrecht/ Boston/ London: Kluwer Academic Publishers, 2000.

JUNGES, José Roque. As Interfaces da Teologia com a Bioética. In: Perspectiva Teológica. 37 (2005), p. 105-122.

JUNGES, José Roque. Bioética - perspectivas e desafios. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 1999.

SANCHES, Mário Antonio. Bioética ciência e transcendência. São Paulo: Loyola, 2004.

SANCHES, Mário Antonio. Brincando de Deus. Bioética e as marcas sociais da genética. São Paulo: Editora Ave Maria, 2007.

SIQUEIRA, José Eduardo de. Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio responsabilidade de Hans Jonas. In: SIQUEIRA, José Eduardo de. Ética, ciência e responsabilidade. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2005.

SGRECCIA, Elio. Manual de bioética I: fundamentos e ética biométrica. São Paulo: Loyola, 2002.

SIQUEIRA, José Eduardo de. Ética e tecnociência: uma abordagem segundo o princípio responsabilidade de Hans Jonas. In: SIQUEIRA, José Eduardo de. Ética, ciência e responsabilidade. São Paulo: Loyola; Centro Universitário São Camilo, 2005.

THOMPSON, Margaret W.; McINNES, Roderick R.; WILLARD, Huntington F. Thompson & Thompson. Genética médica. 5ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993.

VIDAL, Marciano. A ética civil e a moral cristã. Aparecida: Santuário, 1998.